



O escultor Bruno Giorgi

bruno giorgi do volume à superfície crispada

harry laus

Nenhum carioca desconhece o **Monumento à Juventude**, existente nos jardins do antigo Ministério da Educação e Cultura, duas figuras em granito do escultor Bruno Giorgi. Mas poucos sabem que o artista trabalhou de 1943 a 1946 na execução do projeto, sob encomenda do ministro Gustavo Capanema e a pressão de uma série de dificuldades, até de transporte, que obrigaram à realização do monumento em dois blocos — para desgosto do escultor.

Do **Monumento à Juventude** até os **Dois Guerreiros**, trabalho feito para Brasília, vai um longo período em que Bruno Giorgi ficou conhecido em todo o mundo pela alta categoria de sua arte, marcada por uma evolução constante em sua forma de expressão. Comparar esses dois monumentos é verificar, de imediato, o desenvolvimento concepcional do artista, atualmente concentrado em nova fase, enriquecida de elementos inéditos em sua produção anterior. Também entre as datas desses monumentos o escultor recebeu importantes laureas por seu trabalho, como o Grande Prêmio de Escultura da II Bienal de São Paulo e o Primeiro Prêmio de Escultura da II Bienal de São Paulo e o Primeiro Prêmio de Escultura do I Salão de Arte Moderna de São Paulo.

ESCULTOR SOB CONTRATO

Há poucos dias foi noticiado que Bruno Giorgi assinou contrato de exclusividade com uma galeria de Copacabana.

— É uma espécie de bolsa de estudos — explica o escultor.

Para quem vive unicamente de sua arte, como o entrevistado, contrato de tal natureza significa o mínimo de tranquilidade que o artista pode esperar. É evidente que sua obra poderá expandir-se com mais liberdade, já que as cláusulas do contrato não limitam nem podem limitar sua capacidade criadora. Ao contrário, o compromisso representa segurança ante as exigências cotidianas, ao mesmo tempo que lhe facilita a aquisição dos meios materiais de trabalho.

Num país como o Brasil, em que o apoio oficial ao artista é praticamente inexistente e a aceitação pública somente agora se torna uma realidade, a solução do problema de sobrevivência é uma incógnita a atribular a criação da obra de arte. E muito principalmente em artistas conscientes, de evolução sólida porém lesta — respondendo exatamente às necessidades íntimas — como é o caso de Bruno Giorgi.

ARTESANATO E CRIAÇÃO

A forma humana está quase sempre presente na escultura de Bruno Giorgi. Para a estruturação de sua obra, aplicou longos anos em trabalho de artesanato que ele julga fundamental — embora reconheça a existência de uma corrente que nega a importância desse estudo.

— São “franco-atiradores” que se divertem com “bricolages” — diz o artista.

As implicações do artesanato e as necessidades de evolução da obra de Bruno Giorgi conjugaram-se na simplificação ou sintetização da figura humana. Perdendo aos poucos o volume em proveito de maior delicadeza de construção, as três dimensões parecem tender a resumir-se em superfície vertical, esguia e aparentemente frágil.

A nova concepção do artista influiu, logicamente, na escolha do material a empregar. O granito das esculturas da primeira fase, quando a figura não se distanciava como hoje dos moldes clássicos, foi substituído pelo bronze ou ferro laminado que respondem às exigências atuais de seu trabalho.

O processo de criação de Bruno Giorgi nada tem de casual. A obra é pensada, desenhada e somente depois moldada em cera ou gesso, conforme suas dimensões, para, finalmente ser fundida no metal escolhido.

Quando lhe perguntamos que explicação daria para a redução nas dimensões de suas últimas esculturas, em relação às anteriores, sorriu:

— Talvez eu tenha crescido em humildade.

Mas acrescentou:
— Até uma obra de 20

centímetros pode ter sua monumentalidade.

E cita o exemplo de **Dois Guerreiros** que foi executada inicialmente em 20 cm. e, por instância de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, ampliada para 7m. a fim de figurar nos jardins da NOVACAP.

Cabe aqui uma sugestão ao prefeito Sette Câmara, de Brasília. Mandar fazer miniaturas dessa famosa escultura, conhecida em todo o mundo e quase um símbolo de Brasília, para distribuição aos visitantes da cidade.

O ATELIER DO ARTISTA

Outra razão para as pequenas dimensões de suas esculturas é a relação obrigatória com o tamanho de seu atelier, no Leme. Acanhado, mal permite o trabalho num modelo a gesso, de pouco mais de 2 metros, que prepara para a Universidade do Ceará.

A simples visita ao atelier de Giorgi nos faz considerar a oportunidade que perde o Brasil em enriquecer seu patrimônio artístico, mediante a criação de um atelier livre de escultura — que não temos.

— O Museu de Arte Moderna já cogitou disso — explica. Mas o projeto morreu por falta de verba.

Na realidade, é incabível que mereça ser levada a efeito. Quantos bolsistas estrangeiros ou estudantes brasileiros poderiam ser instruídos e aproveitados nesse “atelier livre” que, se tornando realidade, resultaria em benefício de seu próprio criador em face do grande desenvolvimento de nossa arquitetura. Pois é inegável a integração que a escultura mantém com a arquitetura no aproveitamento de obras em jardins, halls, corredores e salões dos edifícios. Sem apoio oficial, ou de alguma instituição cultural, seria uma aventura executar uma peça de grandes dimensões. Simplesmente para guardar?

Enquanto isso, o pequeno atelier de Bruno Giorgi é uma espécie de garrafa das Mil e uma Noites. De um dia para outro, há de explodir para que suas esculturas atinjam as dimensões monumentais com que foram imaginadas.



“Cacique” — bronze